

Um esboço biográfico de León Grinberg (1921-2007)

Ricardo Horacio Etchegoyen, Buenos Aires*

Horacio Etchegoyen, colega e amigo pessoal de León Grinberg, falecido em setembro de 2007, procura homenageá-lo através da elaboração de um esboço biográfico. Neste, destaca sua trajetória como psicanalista e docente descrevendo sua extensa e importante produção científica, bem como sua contribuição na política institucional e na IPA.

Descritores: León Grinberg. Esboço biográfico. Obituário. Produção científica.

* Psicanalista Membro Efetivo e Didata da Associação Psicanalítica de Buenos Aires. Ex-Presidente da International Psychoanalytical Association (IPA), 1993-1997.

A doença de León Grinberg, que o acometeu em 28 de dezembro de 1997 em Barcelona, causou-me viva dor, dor essa que se renovou agora com sua morte em 25 de setembro. Passou dez anos inválido sob os cuidados amorosos de sua esposa e seus filhos, Daniel e Alberto, com os quais somente podia ter um intercâmbio emocional, da mesma forma que com os amigos que o visitavam, como Mariano e Silvia Dvoskin, Valentín Barenblit e eu mesmo. Passou a recusar-se a receber as visitas que chegavam continuamente, certamente por pudor. O diálogo vivo e estimulante que manteve por décadas com todos os psicanalistas havia sido interrompido para sempre.

Grinberg escreveu, em colaboração com sua esposa Rebecca, o prefácio para a edição francesa dos *Estudos* de Racker, que foi publicado pela Editora Paidós em Buenos Aires em 1960. Esta versão apareceu em *Collection Psychanalyse, d'autres horizons, Césura*, dirigida por José Luis Goyena e Claude Legrand, com o título *Études sur la technique psychanalytique. Transfert et contre-transfert*, com data de publicação de novembro de 1997, um mês antes do infausto acidente cerebral de León. Esta publicação saldou uma dívida de muitos anos dos psicanalistas francófonos com um livro que percorreu literalmente o mundo inteiro. O prólogo é o último escrito de um psicanalista notável e também a culminância de sua obra, porque os Grinberg - como eles mesmos dizem - foram discípulos e amigos de Racker e receberam seus ensinamentos de viva voz não só na Associação Psicanalítica Argentina (APA) como também em Escobar onde passavam os fins de semana. Com sua fértil idéia da *contra-identificação projetiva*, Grinberg completou e ampliou os conceitos de contratransferência concordante e complementar de Racker, utilizando, mais decididamente que este, a idéia de identificação projetiva. Ter destacado o valor comunicacional deste mecanismo, que o gênio de Melaine Klein nunca levou muito em conta, é um mérito relevante de Grinberg.

Devo muito a Grinberg. Foi, em primeiro lugar, meu professor de seminários na APA, e ainda sinto a comoção que me causou aquele homem jovem, simpático e erudito que ensinava psicanálise como ninguém. Grinberg me fez participar, depois, do livro que escreveu com Marie Langer e Emilio Rodríguez em 1979, *O grupo psicológico*, e também me convocou para os três valiosos volumes que organizou com o título de *Práticas psicanalíticas comparadas nas neuroses, na psicose e em crianças e adolescentes*, publicado pela editora Paidós em 1977. Ali soube reunir, mais uma vez, um destacado grupo de estudiosos. Um dom de Grinberg que todos devemos agradecer foi seu notável desempenho para fazer da psicanálise um empreendimento intelectual comum. Sua generosidade, sua linguagem e sua autoridade tornavam isso possível.

Quando voltei de Londres, em 1967, Bernardo Árensburg e eu supervisionamos por um longo tempo com Grinberg (e também com Liberman), e foi nesse momento que León me indicou para ser relator do Terceiro Congresso Panamericano de Psicanálise, que ocorreu em Nova York em 1969 e que foi o último de uma série. Ali, discuti, nada menos que com Elizabeth Zetzel, *A primeira sessão de análise*. (De volta à Argentina, eu tinha vários analisados recentes, e León pensou que era o mais indicado para essa difícil tarefa).

Os anos passaram e nossa amizade tornou-se cada vez mais próxima, mais íntima. Algumas vezes, da Espanha, ele disse que eu era seu melhor correspondente. Quando o visitei em Madrid, em 1987, e Rebe recebeu a Élide e a mim em seu belo apartamento da rua Francisco Gervás, León tinha sido nomeado professor da cátedra de psicanálise pela Junta de Governo do histórico Ateneu de Madrid, então presidida pelo sr. José Prat García. O professor Grinberg organizou uma série de conferências de *Introdução à teoria psicanalítica* (1989) e concedeu-me o privilégio de inaugurá-las. Minha palestra, *O nascimento da psicanálise*, foi seguida pela de Grinberg e Juan Francisco Rodríguez, *A influência de Cervantes sobre o futuro criador da psicanálise*. Este belo ensaio havia sido apresentado no painel sobre *Dom Quixote, Freud e Cervantes*, no XXX Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Madrid em julho de 1983, e cativou o auditório pela sua elegância e erudição. Este escrito mostra de forma conclusiva a influência de Cervantes no jovem Freud, que lera o *Quixote* e as *Novelas exemplares* e ficara arrebatado com *O colóquio dos cães* (1613). Com um amigo de sua juventude encarnam Cipião (Freud) e Berganza (Silberstein) em uma conversa na qual se encontra o germen do diálogo psicanalítico. É uma contribuição original deste texto afirmar que, com a *Academia castelhana*, a psicanálise já existia na mente de Freud muito antes que entrassem em cena Breuer e Anna O. Os autores afirmam, também que Dom Quixote e Sancho Pança abordam temas tipicamente psicanalíticos, como a dialética entre a realidade e a fantasia, sonho e vigília, entre outros mais, e a loucura como um fenômeno complexo mas compreensível em termos de motivos humanos. A esse esplêndido escrito seguem outros não menos interessantes de José Rallo, Enriqueta Moreno, Mercedes Valcarce, Jaime Tomás, Rafael Cruz Roche, María Luisa Muñoz, Isabela Luzuriaga apresentados em forma de livro na Coleção Continente/Contenido, dirigida por Mercedes Velo.

É difícil resumir em algumas páginas a rica vida de um destacado analista como Grinberg. Nasceu em Buenos Aires em 23 de fevereiro de 1921 em um lar de imigrantes judeus, e seus pais se esmeraram muito em sua educação. Estudou medicina na Universidade de Buenos Aires e, já então, mostrou vocação para a psicanálise, como seu colega de estudos, David Liberman. Os dois foram amigos

muito próximos, e ambos chegaram a destacar-se notoriamente. É um milagre do amor e da amizade que estes dois colossos nunca tenham sucumbido à rivalidade fraterna com a qual o destino parecia depará-los.

Pouco antes de se formar, Grinberg entrou para a APA, na qual chegou a membro associado em 1952, aos trinta e um anos. Sua carreira foi meteórica e em quatro anos tornou-se professor do Instituto de Psicanálise e analista didático. Já disse que assisti a seu seminário como candidato e penso, com fundadas razões, que foi o primeiro seminário de sua vida.

Grinberg pertence à segunda geração de analistas da APA, como Resnik, Bleger, os Baranger, Rodrigué, Zac, Armida Abersturi, Campo, Rebe Álvarez de Toledo, Mauricio Abadi, Jorge e Teresa Mom, Rolla e, claro, Liberman. Fez análise com Arnaldo Rascovsky e, quando este partiu para os Estados Unidos, continuou com Marie Langer até terminar sua formação; chegou a ser, depois, seu colaborador e amigo.

Com ela e Emilio Rodrigué, escreveu dois livros sobre psicoterapia grupal. O primeiro, *Psicoterapia do grupo. Seu enfoque psicanalítico*, publicado pela editora Paidós em 1957, agradável e rigoroso, foi o primeiro em seu gênero escrito em espanhol e exerceu uma grande influência na América Latina e na Espanha, influência que ainda perdura. O eixo conceitual desta obra é que o grupo é uma unidade e que esse conjunto psicossocial deve ser abordado com uma atitude interpretativa definida, de base psicanalítica.

Por razões de oportunidade, tempo e discrição, este livro não se estendeu a outros campos, e nele seus autores não se animaram a apresentar um material clínico completo. Estas limitações logo foram sanadas quando a Editora Nova publicou, em 1959, *O grupo psicológico. Na terapêutica, ensino e pesquisa*. Grinberg, Langer e Rodrigué dividem o texto em várias seções, que partem dos dinamismos e aspectos teóricos da psicoterapia do grupo para estender-se a diversas áreas e considerar, por fim, suas aplicações ao ensino e à pesquisa. Colaboram, neste empreendimento, mais de vinte especialistas latino-americanos.

Sem dúvida, a eletrizante dinâmica do grupo foi um dos incentivos que levou Grinberg, naqueles anos, a estudar com especial ênfase os mecanismos regressivos do funcionamento mental, que, às vezes, o grupo expressa com clareza diáfana. Os primeiros trabalhos propriamente psicanalíticos de Grinberg são dirigidos à magia e ao animismo, com especial ênfase na negação como mecanismo de defesa. Um texto que se destaca nestes anos é *Aspectos mágicos na transferência e na contratransferência*, que leu na APA em 27 de março de 1956 e foi publicado dois anos depois. Neste trabalho, Grinberg introduz o conceito de contra-identificação projetiva ao qual fará referência em muitos outros escritos.

Como ele mesmo diz em seu lembrado artigo *Passado, presente e futuro de uma trajetória psicanalítica*, escrito para o XXX aniversário da APA, em 1974, quando María Isabel Siquier dirigia a *Revista de Psicoanálisis*, em seu começo a pesquisa de Grinberg dirige-se ao estudo dos processos regressivos, a magia, a onipotência e os mecanismos psicóticos. A negação ocupa um lugar central, ao lado dos mecanismos esquizóides e da identificação projetiva. Um primoroso exemplo daqueles anos é *Sobre alguns mecanismos esquizóides em relação com o jogo de xadrez*, publicado em 1955.

O primeiro livro com Grinberg como único autor é seu perdurável *Culpa e depressão. Estudo psicanalítico*, publicado pela editora Paidós em Buenos Aires, em 1963. Era um momento no qual se debatia intensamente em Buenos Aires (e em muitas outras comunidades psicanalíticas) o lugar da culpa no processo psicanalítico. Havia analistas que defendiam, com capa e espada, que o centro do conflito neurótico era a negação da culpa por impulsos agressivos contra o objeto amado, enquanto que outros, com obstinação semelhante, buscavam liberar os pacientes de uma culpa que os condenava na dialética de um superego sádico e um ego submisso e masoquista. Grinberg resolve esta polêmica ao dar-se conta que há *dois* tipos de culpa (e não um): a culpa persecutória e a culpa depressiva, que relaciona lucidamente a duas classes de luto, normal e patológico. A culpa persecutória está ligada à posição esquizo-paranóide, mas não é o mesmo que a ansiedade persecutória. A culpa depressiva, esta sim é a que se refere aos sentimentos de dor e preocupação pelo objeto, que torna possível a reparação.

A diferença entre a culpa persecutória e a depressiva é uma contribuição teórica de grande envergadura que leva a diferenciar, também, o luto patológico do luto normal. Em um passo audaz, Grinberg propõe que o luto não só implica a perda do objeto, mas também das partes do ego (*self*) que estão nele depositadas. Isto dá uma visão mais ampla do que se *perde* no processo de luto.

Culpa e depressão (1963) inclui um capítulo de Rebeca Grinberg sobre o luto das crianças, no qual mostra com clareza como a perda de seus entes queridos e a percepção da morte afetam os pequenos. Obra de influência perdurável, sua segunda edição, de 1971, introduz algumas modificações importantes, destacando o peso dos atores sociais na culpa persecutória, já que a sociedade a inocula nas pessoas e nem sempre compreende, também, os fatores positivos na rebeldia da juventude. (Estamos no limiar dos conflitos entre Perón e os *montoneros* no começo do Triplo A).¹

Em 1971, León escreve, em colaboração com Rebe, *Identidade e mudança*,

¹ N.R.: Aliança Anticomunista da Argentina.

publicado pela editora Kargieman em Buenos Aires. O próprio título já apresenta um grande problema, que pode ser remontado a Parmênides e Heráclito. Como é possível coexistirem ser e mudança? Os Grinberg estudam o tema definindo três vínculos: espacial (individuação, o ego diferenciado do outro), temporal (ser sempre a própria pessoa, apesar das mudanças) e social, considerando o pertencimento ao grupo (ou aos grupos). A identidade se define como a capacidade de sentir-se a si mesmo na sucessão de mudanças apresentadas pelos acasos da vida. A mudança implica em aceitar o desconhecido, o imprevisível; e a doença mental pode então ser definida como uma tentativa (desesperada) de manter a unidade frente à mudança para que tudo continue igual. Ao evitar o novo, assegura-se a identidade e se evita a angústia e a depressão, mas ao preço de não se viver realmente. Como disse José Enrique Rodó, em seu *Motivos de Proteu*, renovar-se é viver.

Identidade e mudança (1971) diferencia cuidadosamente ego e *self*, recorrendo conscienciosamente a Freud, Klein, Bion, Erikson e outros psicólogos do ego. Os Grinberg partem das idéias de Hartman sobre o *self* (como pessoa) e o ego (como instância) e as desenvolvem a partir de Edith Jacobson, Wisdom e Erikson. Na segunda parte deste livro, são estudadas as perturbações da identidade, com atenção especial para a despersonalização e as migrações, que abrem caminho para outro livro dos Grinberg sobre a migração e o exílio, cheio de beleza e nostalgia, publicado pela Alianza Editorial em 1984 com o título *Psicanálise da migração e do exílio*.

Identidade e mudança (1971), a meu ver, é o desenvolvimento natural da idéia de luto pelas partes perdidas do ego (*self*) e conduz a outro livro de Grinberg, *Teoria da identificação*, publicado pela Paidós em Buenos Aires em 1976. Texto breve e penetrante, expõe o desenvolvimento do conceito de identificação a partir de Freud e seus discípulos bem como da escola keimiana. Estuda profundamente o conceito de identificação projetiva, que Melaine Klein introduziu em 1946, e discute depois as contribuições de seus discípulos Bion, Rosenfeld, Meltzer e do próprio Grinberg, com especial referência a seu conceito de contra-identificação projetiva. Grinberg estuda a identificação projetiva em seus aspectos quantitativos e em especial qualitativos e enfatiza os processos de comunicação que subjazem a este fértil conceito. Seguindo de perto os estudos de Racker, Grinberg emprega a identificação projetiva para dar conta dos complexos e dos efeitos sutis que ela exerce na relação analista-paciente, o que culmina com sua teoria da contra-identificação projetiva, aceita atualmente pela maioria dos autores.

Pouco depois de publicado este livro, os Grinberg decidiram exilar-se em Madrid em outubro de 1976, quando começou a nefasta ditadura de Videla.

Se a trajetória científica de Grinberg foi brilhante, não foi menor seu

desempenho na grande política da psicanálise. Foi presidente da APA por três períodos (1961, 1962 e 1963) e o primeiro psicanalista da América Latina a ingressar no Comitê Executivo da Associação Psicanalítica Internacional (API) como secretário associado (1963-1965) e depois como vice-presidente por dois períodos, de 1965 a 1967 (Congresso de Amsterdam) e de 1967 a 1969 (Congresso de Copenhague). Convidaram-no para ser presidente, mas ele declinou de tal honra. Quem mostrara pouco interesse por esse alto cargo seria depois meu mais ardente partidário no XXXVII Congresso Nacional de Buenos Aires, em 1991, quando se elegeu o primeiro latino-americano para presidir a API. Sentado ao lado de Rebe, na primeira fila, prestava muita atenção em minha apresentação e até me enviou um bilhete: “Mais devagar”, porque eu lia muito rápido.

Sua influência como mestre de muitas gerações de analistas é notável. É, sem dúvida, o modelo de psicanalista portenho, que segue o caminho de Freud e Melanie Klein, mas abrange os analistas franceses e, em geral, europeus, os psicólogos do ego, de Viena, Londres e Estados Unidos, sempre interessado pelos problemas da identidade, os mecanismos de defesa e a identificação. Foi amigo dos grandes analistas de sua época, Leo Rangell e André Green, Jacob Arlow e Charles Brenner, Harold Blum, Bion, Hanna Segal, Donald Meltzer, Edward Weinschel, Robert Wallerstein, Riccardo Steiner, Salomón Resnik, Betty Joseph, Esther Bick e muitos outros não menos importantes.

Um ano antes de seu exílio, publicou um livro muito interessante sobre a supervisão psicanalítica e, ainda em Buenos Aires, apresentou *Psicanálise. Aspectos teóricos e clínicos*, publicado por Alex Editor, um empreendimento do filho de David Liberman. Como diz o próprio Grinberg no prólogo, este livro reúne uma série de trabalhos que vão desde 1955 a 1976 e encerra um ciclo de sua produção. Com alguns acréscimos e outro formato, foi publicado pela Paidós (Barcelona) em 1981. Para mim, não é fácil escolher alguns destes trabalhos para mencionar nesta nota, porque creio que todos são valiosos. Sempre achei *Los sueños del día lunes* (1960), em colaboração com Rebe Grinberg, uma pérola, mas como não mencionar os trabalhos em que Grinberg fala da identidade, do conflito e da evolução, dos mecanismos obsessivos de controle onipotente e realista, da criatividade e de tantos outros temas?

No começo dos anos 60, Grinberg passou a estudar seriamente a obra de Bion com um grupo de estudos que foi seguido por outros (participei de um deles, com Benito López). Estas inquietudes culminaram em seu conhecido *Introdução às idéias de Bion*, que escreveu com dois de seus alunos, Darío Sor e Elizabeth Tabak de Bianchedi, que depois viriam a ser analistas destacados. Este livro foi publicado pela Nova Visão em 1972. Escrito metódico, ameno e rigoroso, difundiu-se

literalmente no mundo inteiro traduzido para o inglês, francês, italiano, português, sueco e até mesmo japonês. Foi reeditado em 1991 como *Nova introdução às idéias de Bion*, com algumas modificações e um capítulo sobre as últimas contribuições do grande pensador inglês. Nos dezoito anos desde a primeira edição até esta, o livro foi ampliado e modificado, até que a Coleção Continente/Contenido da incansável Mercedes Velo o publicou em Madrid.

A história de Grinberg tem muitos momentos culminantes, mas talvez o mais elevado seja o de relator do Congresso de Copenhague (1967), no qual discutiu com Anna Freud o conceito de *acting out*. Foram duas apresentações excelentes, e Grinberg brilhou ao relacionar o *acting out* com as angústias de separação e a identificação projetiva. Terminou definindo-o, com correção e graça, como um sonho que não pôde ser sonhado.

Os Grinberg permaneceram em Madrid durante aproximadamente vinte anos, durante os quais León exerceu grande atividade de magistério na Associação Psicanalítica de Madrid, onde ensinou teoria e técnica psicanalítica e a obra de Klein, Bion e Meltzer.

The goal of psychoanalysis: identification, identity and supervision (1990), publicado pela Karnac, abrange boa parte da obra de Grinberg em inglês. Como diz Grinberg no prólogo, Riccardo Steiner e outros amigos, desejosos de ter sua obra mais à mão, o estimularam neste empreendimento.

Em 1993, em minha função de presidente da API, tive o prazer de nomeá-lo secretário científico (*chair*) do Comité de Programa do Congresso de São Francisco (1995), quando mostrou, mais uma vez, sua inteligência e capacidade. A Editora Promolibro, de Valência, publicou em 1996 dois livros que resumem seu trabalho nestes vinte anos na Europa: *A psicanálise é coisa de dois* e *Psicanálise aplicada* (Grinberg, 1996a, 1996b).

Em setembro de 1995, os Grinberg decidiram deixar Madrid, mudando-se para Barcelona, onde viviam seus filhos e netos. Lá, Grinberg logo reiniciou as atividades de ensino com um grupo maior de alunos, e lá o encontrei no Congresso Internacional de 1997, com o qual terminei meu mandato. León e Rebe fizeram uma linda recepção, sem que ninguém soubesse o que iria acontecer pouco depois. Visitei-o em agosto de 2000, após o Congresso Internacional de História da Psicanálise em Versalhes, e foi esse nosso último encontro.

Em 29 de julho de 2003, a Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdBA), da qual foi fundador, nomeou-o membro honorário e ele desfrutou desta homenagem, ainda que aquele insuperável orador não tenha podido agradecer com palavras. Tenho a vaidade de pensar que, se o crítico rigoroso que Grinberg sempre foi lesse estas notas, iria sentir-se satisfeito. □

Abstract

A sketched biography of León Grinberg (1921-2007)

Horacio Etchegoyen, personal friend and colleague of León Grinberg, deceased in September 2007, intends to pay homage to him through the elaboration of a sketched biography. In this, the author emphasizes his trajectory as a psychoanalyst and as a professor, describing his vast and important scientific production, as well as his contribution to the institutional politics and to API.

Keywords: León Grinberg. Biography. Obituary. Scientific production.

Resumen

Una semblanza de León Grinberg (1921-2007)

Horacio Etchegoyen, colega y amigo personal de León Grinberg, fallecido en septiembre de 2007, procura homenajearlo a través de la elaboración de una semblanza. En esta, destaca su trayectoria como psicoanalista y docente describiendo su extensa e importante producción científica, bien como su contribución en la política institucional y en la API.

Palabras llave: León Grinberg. Semblanza. Necrología. Producción científica.

Referências

- CERVANTES SAAVEDRA, M. (1613). *El casamiento engañoso y el coloquio de los perros*: novelas ejemplares. Madrid: Bailly-Bailliére.
- ETCHEGOYEN, H. (1989). El nacimiento del psicoanálisis. In: GRINBERG, L. (org.). *Introducción a la teoría psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones, p. 15-22.
- GRINBERG, L. (1955). *Sobre algunos mecanismos esquizoides en relación con el juego de ajedrez*. Publicado em? Local, editora e data.
- _____. (1958). Aspectos mágicos en la transferencia y la contratransferencia: sus implicaciones técnicas. Identificación y *contraidentificación* proyectivas. *Revista de Psicoanálisis*. v. 15, n. 4, p. 347-368.
- _____. (org.). (1959). *El grupo psicológico. En la terapéutica, enseñanza e investigación*. Buenos Aires: Nueva.
- _____. (1963). *Culpa y depresión. Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. (1974). Pasado, presente y futuro de una trayectoria psicoanalítica. *Revista de Psicoanálisis*. v. 31, n. 1-2, p. 177-199.
- _____. (1976). *Teoría de la identificación*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. (org.). (1977). *Prácticas psicoanalíticas comparadas en las neurosis, en la psicosis y en*

- niños y adolescentes*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. (1981). *Psicoanálisis. Aspectos teóricos y clínicos*. Barcelona: Paidós.
- _____. (1984). *Psicoanálisis de la migración y el exilio*. Madrid: Alianza.
- _____. (1990). *The goal of psychoanalysis: identification, identity and supervision*. London: Karnac.
- _____. (1996a). *Psicoanálisis aplicado*. Valencia: Promolibro
- _____. (1996b). *El psicoanálisis es cosa de dos*. Valencia: Promolibro
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. (1960). *Los sueños del día lunes*. *Revista de Psicoanálisis*. v. 17, n. 4, p. 449-455.
- _____. (1971). *Identidad y cambio*. Buenos Aires: Kargieman.
- GRINBERG, L.; LANGER, M.; RODRÍGUEZ, J. (1957). *Psicoterapia del grupo. Su enfoque psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- GRINBERG, L.; RODRÍGUEZ, J. (1989). La influencia de Cervantes sobre el futuro creador del psicoanálisis. In: GRINBERG, L. (org.). *Introducción a la teoría psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones, p. 23-44.
- GRINBERG, L.; SOR, D; BIANCHEDI, E. (1972). *Introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- GRINBERG, L.; ZETZEL, E. (1969). La primera sesión de análisis. In: CONGRESO PANAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 3, Nueva York.
- GRINBERG, R. (1963). *Culpa y depresión: estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre algunos mecanismos esquizóides. In: *Obras Completas*. v. 3. Buenos Aires: Paidós, 1988, p. 10-33.
- RACKER, H. (1960). *Études sur la technique psychoanalytic. Transfert et contre-transfert*. Lyon: Cesura, 1997.
- RODO, J. (1871-1917). *Motivos de Proteo*. Madrid: América, 1920.

Recebido em 09/03/2008

Aceito em 12/03/2008

Tradução de **Ana Rachel Salgado**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz**

Ricardo Horacio Etchegoyen

Posadas 1580, 13°

1112 – Buenos Aires – Argentina

e-mail: rhetche@arnet.com.ar

© Ricardo Horacio Etchegoyen

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA